

Association for Information Systems

## AIS Electronic Library (AISeL)

---

CAPSI 2022 Proceedings

Portugal (CAPSI)

---

Fall 11-5-2022

### Determinants of the Ability to Identify Fake News Among Seniors in Portugal: A Proposal

Maria Pinho

*ISCAP Politécnico do Porto, 2200107@iscap.ipp.pt*

Luciana Oliveira

*CEOS.PP ISCAP Politécnico do Porto, lgo@eu.ipp.pt*

Follow this and additional works at: <https://aisel.aisnet.org/capsi2022>

---

#### Recommended Citation

Pinho, Maria and Oliveira, Luciana, "Determinants of the Ability to Identify Fake News Among Seniors in Portugal: A Proposal" (2022). *CAPSI 2022 Proceedings*. 51.

<https://aisel.aisnet.org/capsi2022/51>

This material is brought to you by the Portugal (CAPSI) at AIS Electronic Library (AISeL). It has been accepted for inclusion in CAPSI 2022 Proceedings by an authorized administrator of AIS Electronic Library (AISeL). For more information, please contact [elibrary@aisnet.org](mailto:elibrary@aisnet.org).

# Determinantes da Capacidade para Identificar Notícias Falsas entre Seniores em Portugal: Uma Proposta

## *Determinants of the Ability to Identify Fake News Among Seniors in Portugal: A Proposal*

Maria Pinho, ISCAP Politécnico do Porto, Portugal, 2200107@iscap.ipp.pt

Luciana Oliveira, CEOS.PP ISCAP Politécnico do Porto, Portugal, lgo@eu.ipp.pt

### Resumo

A pandemia da COVID-19 impulsionou a produção e a circulação de informação falsa, sobretudo no meio online, levando a que a Organização Mundial de Saúde classificasse este fenómeno com uma infodemia, ou seja, uma epidemia da desinformação. A par disto, o crescente envelhecimento da população é uma realidade verificada não só em Portugal, mas em todo o mundo. A Internet e em particular as redes sociais, podem ser um importante contributo para o bem-estar dos idosos, diminuindo o seu isolamento social. Contudo, torna-os ainda mais suscetíveis ao consumo de informação falsa. Considerando o contacto crescente com *fake news*, importa avaliar os determinantes da capacidade para a identificar notícias falsas, por parte dos idosos. Neste artigo apresentamos uma proposta de investigação com uma metodologia quantitativa, baseada num processo hipotético-dedutivo, suportado por inquérito por questionário autoadministrado online para a recolha de dados, para atender a este objetivo.

**Palavras-chave:** desinformação, notícias falsas; COVID-19; idosos

### Abstract

*The COVID-19 pandemic boosted the production and circulation of false information, especially online, leading the World Health Organization to classify this phenomenon as an infodemic, i.e., a misinformation epidemic. In addition to this, the growing aging of the population is a reality not only in Portugal, but throughout the world. The Internet, and in particular social networks, can be an important contribution to the well-being of the elderly, reducing their social isolation. However, it makes them even more susceptible to the consumption of false information. Considering the increasing contact with fake news, it is important to evaluate the determinants of the ability of the elderly to identify fake news. In this article we present a research proposal with a quantitative methodology, based on a hypothetical-deductive process, supported by a self-administered online questionnaire survey for data collection, to meet this objective.*

**Keywords:** *disinformation, fake news; COVID-19; elderly*

## 1. INTRODUÇÃO

A pandemia da COVID-19 fez-se acompanhar de um aumento de desinformação, sobretudo no meio online. A Organização Mundial de Saúde (OMS) classificou este fenómeno como uma infodemia (*infodemic*), ou seja, uma superabundância de informação, que inclui tentativas deliberadas de divulgar informações erradas para minar a resposta de saúde pública (World Health

Organization, 2020). Neste contexto, a propagação de informação falsa relativa ao novo coronavírus amplifica e potencia os riscos para a saúde pública.

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, “os impactos da desinformação relacionada com a covid-19 são mais mortais do que a desinformação sobre outros assuntos, como política e democracia” (UNESCO, 2020). Os idosos, sendo considerados um grupo de risco, encontram-se numa posição ainda mais vulnerável face aos perigos provocados pela desinformação.

Neste contexto, é relevante mencionar o crescente envelhecimento da população, uma realidade observada em todo o mundo. Segundo a Organização Mundial de Saúde, em 2025 irá haver 1.2 biliões de pessoas com mais de sessenta anos, representando um crescimento de 223% em relação a 1970. A Organização Mundial de Saúde (OMS) indica ainda que esse número chegará aos 2 biliões de pessoas em 2050 (Organization, 2015).

Em Portugal, o duplo envelhecimento, ou seja, a diminuição da natalidade e o aumento da esperança média de vida, é também um facto evidente. Segundo o Instituto Nacional de Estatística, o agravamento do envelhecimento demográfico tem-se mantido e o número de idosos em Portugal, vai passar de 2,2 em 2018 para 3 milhões em 2080 (INE, 2020).

Assim sendo, é importante que seja assegurada, a este grupo etário, uma boa qualidade de vida. Segundo Luísa (2021), tendo em consideração todas as mudanças ocorridas na vida dos idosos, é importante atenuar as consequências negativas provocadas pela pandemia da COVID-19.

Tendo em conta estas circunstâncias, o objetivo geral deste estudo assenta na avaliação da capacidade dos idosos para reconhecerem informação falsa, bem como no estudo de determinantes da sua capacidade para detetar notícias falsas.

Apesar desta temática já possuir alguns estudos científicos, nenhum deles foi realizado em Portugal, nem direcionado para uma faixa etária específica (neste caso, os idosos).

Este artigo apresenta uma proposta de investigação, que se inicia com um breve enquadramento do tema numa revisão de literatura que cobre a era da pós-verdade e da desinformação, os verificadores de factos, a literacia mediática e, por fim, os determinantes da capacidade de identificar notícias falsas.

Estabelecido o quadro teórico, apresentamos a proposta metodológica que permite dar resposta ao objetivo geral da investigação, referindo a questão e os objetivos do estudo, a estratégia e o desenho da investigação, o modelo de análise, o instrumento de recolha de dados e a amostra.

## 2. REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1. *A era da pós-verdade e da desinformação*

As notícias falsas ganharam notabilidade no meio digital sobretudo depois das eleições nos Estados Unidos da América (EUA), em 2016. De um modo geral, as notícias falsas atraem os leitores, pois expõem conteúdo intencionalmente interessante, impulsionando a sua partilha sem uma reflexão sobre o assunto noticioso (Teixeira et al., 2018)

O conceito de *fake news* está intrinsecamente ligado ao de pós-verdade, visto que o último possibilita a compreensão do fenómeno da desinformação como um entrave ao direito à informação factual e fidedigna (Oliveira, 2020).

Na sua forma mais pura, a pós-verdade é quando se pensa que a reação do público altera efetivamente os factos sobre uma mentira (Mcintyre, 2018). O autor acrescenta ainda que na pós-verdade os sentimentos têm mais peso e importância que os factos, sendo que um indivíduo só vai contestar um facto óbvio se for em benefício próprio (Mcintyre, 2018).

O fenómeno da pós-verdade - ou *post-truth* - ganhou a atenção do público depois do *Oxford Dictionary* a ter elegido como a palavra do ano em 2016, definindo-a como: “relacionada ou denotando circunstâncias em que os factos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e crença pessoal e pode ser eficaz em processos de disseminação de informações, comportamentos de busca de informação de indivíduos, produção e uso de informação” (Oxford Dictionary, 2016).

Mcintyre (2018) afirma que os praticantes da pós-verdade pretendem forçar alguém a acreditar numa informação, com ou sem boas provas para tal, exercendo uma espécie de supremacia ideológica.

A pós-verdade é consequência do «boom informacional» impulsionado pelos constantes avanços tecnológicos, visto que a informação é mediada pelos diversos dispositivos móveis e é divulgada praticamente no momento em que o acontecimento decorre (Oliveira, 2020).

É ainda importante ressaltar que, apesar de a pós-verdade ter ganho mais relevância depois do resultado do Brexit e das eleições presidenciais dos Estados Unidos, o fenómeno tem origens longas (Mcintyre, 2018).

### 2.2. *Os verificadores de factos*

Atualmente, corrigir notícias tornou-se um elemento recorrente da prática jornalística: primeiramente publica-se e, posteriormente, verificam-se os factos (Currie Sivek & Bloyd-Peshkin, 2018). Neste contexto, e numa tentativa de dar resposta a estes obstáculos originados pela evolução tecnológica constante, surgem os projetos de *fact-checking*.

Bigot (2017) afirma que a verificação de factos é, de certo modo, um jornalismo de denúncia, no qual os verificadores se comprometem com a verdade, denunciando erros, independentemente da sua origem.

A prática de verificação de factos começou na década de 90, com o objetivo de retificar o discurso político, mas foi ganhando destaque no início do século XXI, com a emergência de sites especializados neste novo tipo de jornalismo. Em 2015, foi criada a *International Fact Checking Network* (IFCN), para dar resposta à demanda crescente de validar as iniciativas de *fact-checking*.

Apesar de os diagnósticos de veracidade serem, em geral, curtos, factuais e de fácil compreensão (Hameleers & Van der Meer, 2020), estes também possuem algumas limitações. (Tandoc Jr et al., 2018) afirmam que as várias entidades/ferramentas de verificação de factos raramente usam as mesmas técnicas e, a par disso, nem sempre concordam entre si no resultado do diagnóstico. Por esta razão, é necessário criar uma escala comparativa que uniformize o trabalho dos verificadores de factos (Tandoc Jr et al., 2018).

Em Portugal, existem, atualmente, cinco verificadores de factos. O *Fact Check* que é uma secção do jornal digital Observador, lançado em 2015; o Polígrafo, lançado em 2018, que é o primeiro jornal digital dedicado exclusivamente à verificação de factos; a Prova dos Factos, uma secção digital do jornal Público, lançada em 2016; a Hora da Verdade, uma rubrica do Jornal das 8 da TVI; e a Prova dos Factos, um programa semanal da RTP.

### 2.3. *Literacia mediática*

O conceito de Literacia Mediática, não sendo um conceito estagnado, começou a ser adotado em estudos na década de 70, do século XX. Nesse contexto, o conceito abrangia três aptidões elementares: leitura, escrita e cálculo (Kirsch, 1993). Desta forma, o autor define literacia como a competência para responder às necessidades da vida em sociedade, para atingir objetivos individuais e para desenvolver conhecimentos e atributos pessoais, utilizando a informação escrita e impressa (Kirsch, 1993).

Na década de 90, o conceito foi introduzido em Portugal, por Benavente et al. (1996) no estudo intitulado *A Literacia em Portugal: Resultados de Uma Pesquisa Extensiva e Monográfica*, no qual literacia é definida como “a capacidade de processamento da informação escrita na vida quotidiana”. No mesmo estudo é ainda referido que o importante não é saber aquilo que as pessoas aprenderam ou não, mas em vez disso, saber as competências dos indivíduos para usarem o conhecimento adquirido (Benavente et al., 1996).

Já na Europa, procurou-se averiguar e determinar uma definição para o conceito de literacia mediática, designando métricas e orientações gerais para os países integrados na Comissão Europeia (Lopes, 2014). Assim sendo, em 2006, foi validada e, depois, certificada na

Comunicação da Comissão ao Parlamento Europeu, ao Conselho, ao Comité Económico e Social Europeu e ao Comité das Regiões: uma Abordagem Europeia da Literacia Mediática no Ambiente Digital, de 20 de Dezembro de 2007, a definição europeia de literacia mediática: “Literacia mediática é a capacidade de aceder aos media, de compreender e avaliar de modo crítico os diferentes aspetos dos media e dos seus conteúdos e de criar comunicações em diversos contextos” (Rending, 2009).

Martino and Menezes (2016) definem Literacia Mediática como o “desenvolvimento de competências não para usar dispositivos mediáticos, mas para compreender o fluxo de sentidos dentro de um ambiente mediático. O processo não é de educação específica para os meios, mas de educação dialógica dos sentidos, das perceções e das práticas para uma sociedade que inclui os meios compreendidos, entre outras dimensões, como aparatos técnicos, como produtores/reprodutores de discursos e como mediadores da experiência relacional humana” (Martino & Menezes, 2016).

#### **2.4. *Determinantes da capacidade para identificar notícias falsas***

Existem diversos fatores que podem fornecer ajudar a explicar a propensão dos indivíduos para acreditar em informação falsa e agir com base nessas crenças (Buturoiu et al., 2021).

Nesta secção, abordamos seis determinantes que nos parecem particularmente relevantes para o contexto dos idosos: a religiosidade, a literacia em saúde, o consumo de media, a confiança nas fontes de informação, a confiança pública e a consciência da existência de verificadores de factos.

##### ***Religiosidade***

O grau de religiosidade é um dos fatores que pode estar associado a crenças em teorias de conspiração ou informação falsa, nomeadamente informação relacionada com a pandemia da COVID-19 (Kim & Kim, 2021).

Robertson and Dyrendal (2018) afirmam que um elevado grau de religiosidade pode fomentar uma maior crença em informação falsa, já que religião e teorias da conspiração têm aspetos em comum como esoterismo, a profecia e o milenarismo. Buturoiu et al. (2021) comprovaram que uma maior assiduidade na prática religiosa está associada a uma maior tendência para acreditar em teorias da conspiração sobre vacinas contra a COVID-19.

As pessoas que adotam uma visão religiosa do mundo tendem em considerar que a fé é superior à razão e, portanto, a investigação científica poderá levar à invalidação das crenças religiosas (Hart & Graether, 2018), o que resulta numa diminuição geral do espírito crítico.

De acordo com a literatura, acreditamos que **(H1)**, níveis mais elevados de religiosidade estarão negativamente correlacionados com a capacidade para identificar notícias ou informação falsa.

### ***Literacia em saúde***

A literacia em saúde compreende a capacidade dos indivíduos para aceder, compreender, avaliar e aplicar a informação relacionada com a saúde, através de todos os canais de comunicação (Sørensen et al., 2012).

Um estudo observacional realizado em Itália, que incluiu mais de 2000 artigos relacionados com a COVID-19, revelou que os que continham notícias falsas foram partilhados mais de 2 milhões de vezes, representando 78% do total de todos os artigos revistos (Moscadelli et al., 2020). Esta elevada percentagem realça o fenómeno das notícias falsas e apela a uma melhoria na literacia em saúde (Montagni et al., 2021).

Contudo, num estudo levado a cabo por Montagni et al. (2021), que avaliou as associações entre a intenção de ser vacinado contra a SRA-CoV-2, a deteção de notícias falsas sobre o Covid-19 e a literacia em saúde, observou-se que houve interação entre a capacidade de detetar notícias falsas e literacia em saúde. Os autores assumiram como uma possível explicação o facto de as perguntas sobre literacia serem relativamente fáceis, ou seja, mesmo os indivíduos com uma pontuação baixa de literacia em saúde poderiam fornecer uma boa resposta (Montagni et al., 2021). Esta é ainda uma área em desenvolvimento, sem resultados definitivos, mas determinante para os idosos.

De acordo com a literatura, acreditamos que **(H2)**, níveis mais elevados de literacia em saúde estarão positivamente correlacionados com a capacidade para identificar notícias ou informação falsa.

### ***Consumo de média e confiança nas fontes de informação***

A literatura revela que o consumo de média e os tipos de meios de comunicação usados para obter informação podem influenciar a identificação de informação falsa. Um estudo exploratório sobre *fake news* e confiança nos media realizado em três países de África (Quénia, Nigéria e África do Sul) mediu a frequência de consumo de quatro tipos de meios de comunicação (televisão, rádio, Internet e jornais). Os resultados mostraram que os indivíduos que mais recebem notícias através da Internet ou através da leitura de jornais demonstram maior consciência de exposição a notícias ou informação falsa. O consumo de notícias televisivas surge associado a uma menor perceção de exposição a *fake news* (Wasserman & Madrid-Morales, 2019). É, assim, importante avaliar o consumo de média entre os idosos e identificar através de que canais estes poderão estar mais expostos.

Desta forma, acreditamos que **(H3)** os idosos que obtêm mais informação através da televisão, em detrimento da Internet, terão menos capacidade para identificar notícias falsas, uma vez que a sua exposição ao fenómeno é menor.

Wasserman and Madrid-Morales (2019) avaliaram também a confiança em organizações noticiosas nacionais, locais e internacionais, e em sites de redes sociais, revelando que, na África do Sul, aqueles que percebem que estão mais expostos a informação falsa, são também os que relatam níveis mais baixos de confiança nos media (Wasserman & Madrid-Morales, 2019).

Assim sendo, acreditamos que **(H4)** níveis mais baixos de confiança nas fontes de informação estarão positivamente correlacionados com a capacidade para identificar notícias ou informação falsa, uma vez que estes níveis poderão ser reveladores de maior espírito crítico.

### **Confiança pública**

A confiança pública, sobretudo em momentos críticos, é um fator de particular relevo na seleção de fontes informativas e na perceção da fiabilidade da informação por parte dos públicos, podendo ajudar a prever o grau de adesão aos comportamentos preventivos recomendados (Park et al., 2019). Baixos níveis de confiança no Sistema Nacional de Saúde (SNS), por exemplo, podem originar situações de negligência e de não cumprimento de orientações, provocando consequências gravosas para a saúde pública (Meyer et al., 2008). Assim, é expectável que as entidades públicas, como o governo, ajudem os cidadãos a tomar decisões informadas (Gonçalves et al., 2021), recebendo informação fidedigna.

Em Espanha, Moreno et al. (2020) concluíram que, apesar de no início da pandemia os cidadãos espanhóis confiarem mais no governo, com o passar do tempo a sua confiança diminuiu e foi transferida para pessoas prestigiadas na área da saúde, como epidemiologistas.

Já Gonçalves et al. (2021), num estudo realizado em Portugal, verificaram que os portugueses consideram as entidades de saúde como fontes de informação mais confiáveis do que os media ou autoridades governamentais. De um modo geral, os portugueses mostraram pouca confiança nas redes sociais e nos influenciadores como fonte de informação sobre a COVID-19 (Gonçalves et al., 2021).

Assim, acreditamos que **(H5)** níveis mais elevados de confiança pública estarão positivamente correlacionados com a capacidade para identificar notícias ou informação falsa, uma vez que os indivíduos darão prioridade a informação proveniente de autoridades oficiais.

### ***Consciência da existência de verificadores de factos***

Como referido, a verificação de informação tornou-se um elemento recorrente da prática jornalística: primeiramente publica-se e, posteriormente, verificam-se os factos (Currie Sivek & Bloyd-Peshkin, 2018). Diante da crescente pandemia de desinformação e numa tentativa de responder aos obstáculos originados pela constante evolução tecnológica e pela crescente abundância de informação (Oliveira, 2020), têm proliferado os projetos de *fact-checking*, no mundo e em Portugal.

Mestre (2021), numa investigação acerca da importância do *fact-checking*, revela que atualmente existe já uma certa consciência sobre a desinformação e os verificadores de factos, aos quais é reconhecida muita importância (Mestre, 2021). No entanto, em Portugal, vive-se ainda um panorama emergente, com divulgação limitada e pouca expressão no quotidiano informativo, pelo que releva avaliar a consciência entre os idosos.

De acordo com a literatura, acreditamos que **(H6)** uma maior consciência da existência de verificadores de factos está positivamente correlacionada com a capacidade para identificar notícias ou informação falsa, já que poderá indiciar maior sensibilidade para o fenómeno da desinformação.

### **3. METODOLOGIA**

Como enunciado, o objetivo geral deste estudo assenta na avaliação da capacidade dos idosos para reconhecerem informação falsa, bem como no estudo de determinantes da sua capacidade para detetar notícias falsas. Para o efeito, propomos uma metodologia quantitativa, baseada num processo hipotético-dedutivo, suportado por inquérito por questionário autoadministrado online.

A metodologia quantitativa, de acordo com Dalfovo et al. (2008) estabelece ligações através dos dados recolhidos pelo investigador, que, posteriormente, os analisa de forma imparcial e objetiva, com o apoio da estatística ou outras técnicas matemáticas.

Por sua vez, inquéritos por questionário permitem sondar um elevado número de pessoas, possibilita a quantificação de dados recolhidos e, conseqüentemente, a análise estatística desses mesmos dados (Maciel et al., 2014). Desta forma, estes são bastante fiáveis, desde que respeitem, de forma minuciosa, todos os procedimentos metodológicos (Carmo & Ferreira, 2008).

Como ilustrado na Figura 1, o modelo de análise consiste na investigação dos seis determinantes da capacidade para detetar notícias falsas: religiosidade, literacia em saúde, consumo de media, confiança nas fontes de informação, confiança pública e consciência da existência de verificadores de factos e a sua influência sobre a capacidade para identificar notícias falsas.

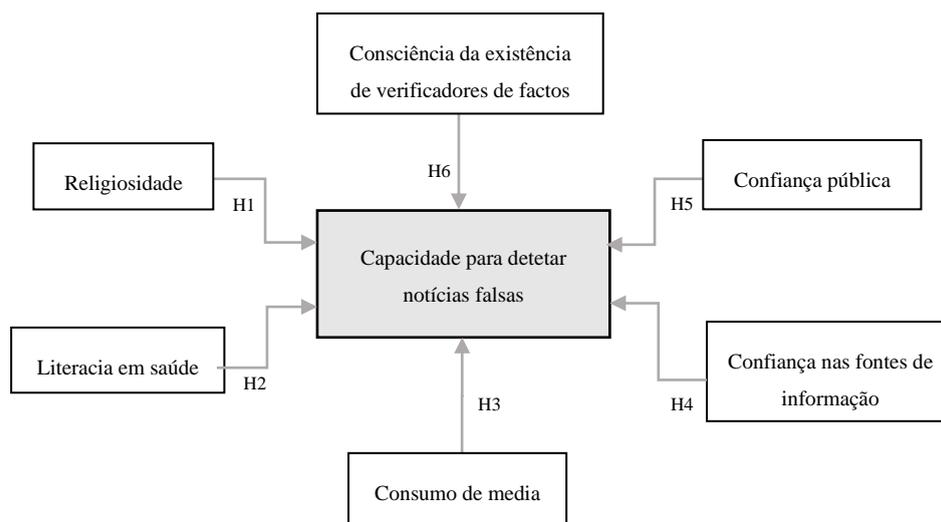


Figura 1 - Modelo de análise

Neste estudo, os participantes serão inquiridos acerca dos seis determinantes da capacidade para detetar notícias falsas já referidos. A tabela seguinte apresenta um sumário das dimensões, indicadores e escala de medida do questionário:

Tabela 1- Dimensões e indicadores do questionário

DIMENSÃO	INDICADOR	FONTE
<b>Literacia em saúde</b>	1. Comparo a informação sobre saúde proveniente de diferentes fontes; 2. Quando descubro novas informações de saúde verifico se são verdadeiras ou não; 3. Eu decido qual a melhor informação de saúde para mim; 4. Posso afirmar se a informação de saúde está ou não adaptada à minha situação; 5. Inquiro profissionais de saúde sobre a qualidade da informação que encontro.	Montagni et al. (2021)
<b>Religiosidade</b>	Com que regularidade frequenta ou participa em atividades religiosas (por exemplo orações, ir à igreja ou lugar de culto, etc.)?	Adaptado de Buturoiu et al. (2021)
<b>Confiança nas fontes de informação</b>	Qual o seu grau de confiança nas seguintes fontes de informação? <b>Media (entidades)</b> - Televisão - Rádio - Jornais/revistas impressas - Websites dos jornais/revistas - Aplicações móveis dos jornais/revistas - Redes sociais (páginas dos jornais/revistas) - Outras páginas ou grupos de notícias em redes sociais <b>Pessoas/ organizações</b> - Amigos conhecidos pessoalmente - Amigos em redes sociais digitais - Influenciadores digitais na área da saúde - Influenciadores digitais em terapias alternativas - Influenciadores de outros temas - Pessoal da saúde que dissemina informação nas redes sociais digitais - Personalidades com prestígio na área saúde - Associações profissionais na área da saúde - Pessoal da área da saúde conhecida pessoalmente	Adaptado de Gonçalves et al. (2021)

<b>Consumo de media</b>	Com que frequência recebe notícias dos seguintes meios: - Televisão - Rádio - Jornais/ revistas impressas - Websites dos jornais/ revistas - Aplicações móveis dos jornais/ revistas - Redes sociais (páginas dos jornais/ revistas) - Outras páginas ou grupos de notícias nas redes sociais	Wasserman and Madrid-Morales (2019)
<b>Confiança pública</b>	Indique o nível de confiança: No governo: 1. Na gestão da pandemia o governo tem dado prioridade ao zelo absoluto da saúde dos cidadãos. 2. O governo é competente para tomar decisões que afetam a saúde dos portugueses. 3. As decisões do governo têm permitido zelar eficientemente pela saúde pública dos cidadãos. Na Direção-Geral da Saúde: 1. Na gestão da pandemia a Direção-Geral da Saúde tem dado prioridade ao zelo absoluto da saúde dos cidadãos. 2. A Direção-Geral da Saúde é competente para tomar decisões que afetam a saúde dos portugueses. 3. As decisões da Direção-Geral da Saúde têm permitido zelar eficientemente pela saúde pública dos cidadãos. Nos profissionais de saúde (médicos e enfermeiros) 1. No contexto da pandemia, os profissionais de saúde tem dado prioridade ao zelo absoluto da saúde dos cidadãos. 2. Os profissionais de saúde são competentes para tomar decisões que afetam a saúde dos portugueses. 3. As recomendações dos profissionais de saúde têm permitido zelar eficientemente pela saúde pública dos cidadãos.	Desenvolvemos uma escala adaptada de Mohammadi et al. (2020) com 9 itens que avaliam a confiança dos cidadãos nos motivos, competência e papel do governo, da Direção-Geral da Saúde e dos profissionais de saúde na gestão da pandemia.
<b>Consciência da existência de verificadores de factos</b>	1. Polígrafo (SIC) 2. Prova dos factos (Publico) 3. Fact Check (Observador) 4. Hora da Verdade (TVI) 5. Prova dos factos (RTP)	

### 3.1. Amostragem e amostra

Tendo em conta os objetivos deste trabalho, os participantes do mesmo são caracterizados por pessoas idosas. A Organização Mundial de Saúde (1999) define envelhecimento como uma mudança progressiva na estrutura psicológica, biológica e social das pessoas. Assim sendo, os idosos são pessoas com 60 anos ou mais, dependendo, contudo, de fatores culturais e pessoais (Moritz et al., 1999).

Desta forma, neste estudo é utilizada a amostragem não probabilística, por conveniência, na qual serão considerados homens e mulheres, com 60 ou mais anos, que usem a Internet, em particular as redes sociais, podendo estes ter uma vida autónoma ou dependente de terceiros.

## 4. RESULTADOS ESPERADOS

Acreditamos que esta proposta de investigação tem potencial para responder ao objetivo de investigação, ou seja, avaliar e demarcar determinantes relevantes da capacidade para identificar informação e notícias falsas em idosos.

Espera-se que a religiosidade seja um fator relevante dado que um elevado grau de religiosidade pode fomentar uma maior crença em informação falsa (Robertson & Dyrendal, 2018) e já que a prática religiosa em Portugal é mais vincada entre idosos (Franca et al., 2018).

Relativamente à literacia em saúde, já que esta abrange a capacidade dos indivíduos para compreender e avaliar informação relacionada com saúde (Sørensen et al., 2012), prevê-se que aqueles com maior nível de literacia tenham mais capacidade para identificar informação falsa.

A literatura revela que o consumo de media e os tipos de meios de comunicação usados para obter informação podem influenciar a identificação de informação falsa, sendo que se presume que os indivíduos com menos confiança nas fontes de informação são os que se apercebem mais da sua exposição a informação falsa (Wasserman & Madrid-Morales, 2019) e, dessa forma, terão mais aptidão para identificar *fake news*.

No que diz respeito à confiança pública, sendo esta um fator relevante na seleção de fontes informativas e na perceção da fiabilidade da informação por parte dos públicos (Park et al., 2019), espera-se que os indivíduos com maior confiança pública serão aqueles com mais capacidade para detetar notícias falsas.

Por último, já que a verificação de factos é uma espécie de jornalismo de denuncia, detetando erros (Bigot, 2017), acredita-se que os inquiridos com consciência da existência de verificadores de factos tenham mais capacidade para identificar informação falsa.

## 5. CONCLUSÃO

Tal como evidenciado anteriormente, a pandemia da COVID-19 fez-se acompanhar de um aumento de desinformação, sobretudo no meio online. Atualmente vive-se na era do pós-verdade, na qual as emoções e perceção do público têm mais impacto do que a verdade em si (Mcintyre, 2018). Neste contexto, surgem os verificadores de factos, que têm como objetivo repor a verdade (Bigot, 2017).

Uma vez que o envelhecimento é cada vez mais uma realidade verificada em Portugal e tendo em conta o contacto cada vez maior com *fake news*, neste artigo apresentamos uma proposta de investigação para identificar os determinantes da capacidade para detetar notícias falsas. Assim, nesta proposta incluímos um modelo de análise com seis dimensões, que cobrem os determinantes selecionados: religiosidade, literacia em saúde, consumo de media, confiança nas fontes de informação, confiança pública e consciência da existência de verificadores de factos.

Espera-se que este estudo permita, não só aumentar e acrescentar informação pertinente acerca deste assunto, mas também o desenho de estratégias e possíveis soluções para o combate às *fake news*, sobretudo na faixa etária dos seniores.

## REFERÊNCIAS

- Benavente, A., Rosa, A., Costa, A. F. d., & Ávila, P. (1996). A literacia em Portugal. *Resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Bigot, L. (2017). *L'essor du fact-checking: de l'émergence d'un genre journalistique au questionnement sur les pratiques professionnelles* Paris 2].
- Buturoiu, R., Udrea, G., Oprea, D. A., & Corbu, N. (2021). Who Believes in Conspiracy Theories about the COVID-19 Pandemic in Romania? An Analysis of Conspiracy Theories Believers' Profiles. *Societies*, 11(4), 138.
- Carmo, H., & Ferreira, M. (2008). Metodologia da Investigação—Guia para Auto-aprendizagem (2ª edição). Lisboa: Universidade Aberta, 15, 16.
- Currie Sivek, S., & Bloyd-Peshkin, S. (2018). Where Do Facts Matter? The digital paradox in magazines' fact-checking practices. *Journalism practice*, 12(4), 400-421.
- Dalfovo, M. S., Lana, R. A., & Silveira, A. (2008). Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. *Revista interdisciplinar científica aplicada*, 2(3), 1-13.
- Franca, M., Fernandes, J. L. J., & Cravidão, F. (2018). Geografia da religião em Portugal: minorias e diversidade religiosa. *Cadernos de Geografia*, 38, 7-22.
- Gonçalves, G., Piñeiro-Naval, V., & Toniolo, B. P. (2021). Em Quem Confiam os Portugueses? A Gestão da Comunicação Governamental na Pandemia Covid-19. *Comunicação e Sociedade*, 40, 169-187.
- Hameleers, M., & Van der Meer, T. G. (2020). Misinformation and polarization in a high-choice media environment: How effective are political fact-checkers? *Communication Research*, 47(2), 227-250.
- Hart, J., & Graether, M. (2018). Something's going on here: Psychological predictors of belief in conspiracy theories. *Journal of Individual Differences*, 39(4), 229.
- Instituto Nacional de Estatística. (2020). *Projeções de População Residente em Portugal*. [https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaques&DESTAQUESdest\\_boui=406534255&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt](https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=406534255&DESTAQUESmodo=2&xlang=pt)
- Kim, S., & Kim, S. (2021). Searching for general model of conspiracy theories and its implication for public health policy: Analysis of the impacts of political, psychological, structural factors on conspiracy beliefs about the COVID-19 pandemic. *International journal of environmental research and public health*, 18(1), 266.
- Kirsch, I. S. (1993). *Adult literacy in America: A first look at the results of the National Adult Literacy Survey*. ERIC.
- Lopes, P. C. d. R. (2014). Literacia mediática e cidadania: Práticas e competências de adultos em formação na Grande Lisboa.
- Luísa, C. (2021). O impacto da pandemia COVID-19 na vida dos idosos: Perceção e mudança.
- Maciel, O., Nunes, A., & Claudino, S. (2014). Recurso ao inquérito por questionário na avaliação do papel das Tecnologias de Informação Geográfica no ensino de Geografia. *Revista de geografia e ordenamento do território*, 1(6), 153-177.
- Martino, L. M. S., & Menezes, J. E. d. O. (2016). Media Literacy: competências midiáticas para uma sociedade midiaticizada. *Libero*(29), 9-18.
- Mcintyre, L. (2018). Post-Truth. 4(3).
- Mestre, R. A. P. (2021). *A importância do fact-checking no mundo atual*
- Meyer, S., Ward, P., Coveney, J., & Rogers, W. (2008). Trust in the health system: an analysis and extension of the social theories of Giddens and Luhmann. *Health Sociology Review*, 17(2), 177-186.
- Mohammadi, M. R., Zarafshan, H., Bashi, S. K., Mohammadi, F., & Khaleghi, A. (2020). The role of public trust and media in the psychological and behavioral responses to the pandemics of COVID-19. Available at SSRN 3586701.
- Montagni, I., Ouazzani-Touhami, K., Mebarki, A., Texier, N., Schück, S., Tzourio, C., & Group, C. (2021). Acceptance of a Covid-19 vaccine is associated with ability to detect fake news and health literacy. *Journal of Public Health*, 43(4), 695-702.
- Moreno, Á., Fuentes Lara, C. M., & Navarro, C. (2020). Covid-19 communication management in Spain: Exploring the effect of information-seeking behavior and message reception in public's evaluation.
- Moritz, I., Stein, C. L. E., & Ageing, W. (1999). *A life course perspective of maintaining independence in older age prepared for WHO by Inka Moritz and Claudia Stein under the guidance of WHO's Ageing and Health*.

- Moscadelli, A., Alhora, G., Biamonte, M. A., Giorgetti, D., Innocenzio, M., Paoli, S., . . . Bonaccorsi, G. (2020). Fake news and covid-19 in Italy: Results of a quantitative observational study. *International journal of environmental research and public health*, 17(16), 5850.
- Oliveira, F. A. G. S. (2020). *Fazer Fact-Checking em Portugal*
- Organization, W. H. (2015). *World report on ageing and health*. World Health Organization.
- Oxford Dictionary. (2016). *Word of the Year 2016*. <https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>
- Park, S., Boatwright, B., & Avery, E. J. (2019). Information channel preference in health crisis: Exploring the roles of perceived risk, preparedness, knowledge, and intent to follow directives. *Public relations review*, 45(5), 101794.
- Rending, V. (2009). Recomendação da Comissão Europeia sobre literacia mediática no ambiente digital para uma indústria audiovisual e de conteúdos mais competitiva e uma sociedade do conhecimento inclusiva. *Jornal Oficial Da União Europeia*. <https://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=OJ:L:2009:227:0009:0012:PT:PDF>
- Robertson, D. G., & Dyrendal, A. (2018). Conspiracy theories and religion; superstition, seekership, and salvation. *Conspiracy Theories and the People Who Believe Them; Uscinski, JE, Ed.*
- Sørensen, K., Van den Broucke, S., Fullam, J., Doyle, G., Pelikan, J., Slonska, Z., & Brand, H. (2012). Health literacy and public health: a systematic review and integration of definitions and models. *BMC public health*, 12(1), 1-13.
- Tandoc Jr, E. C., Lim, Z. W., & Ling, R. (2018). Defining “fake news” A typology of scholarly definitions. *Digital journalism*, 6(2), 137-153.
- Teixeira, V. M., Marcos, A. D., Machado, M. L. H. G., & Cabral, H. L. T. B. (2018). As fake news e suas consequências nocivas à sociedade. Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online,
- UNESCO. (2020). *Combate à desinformação: Trabalhar pela verdade em tempos de covid-19*. <https://pt.unesco.org/covid19/desinformacao>
- Wasserman, H., & Madrid-Morales, D. (2019). An exploratory study of “fake news” and media trust in Kenya, Nigeria and South Africa. *African Journalism Studies*, 40(1), 107-123.